Informativo do Saber

Unindo parcerias

Julho/Agosto 2017

Informativo do Projeto Saber para Cuidar - Cehmob-MG - nº 21 - Ano 4

Página inicial do curso "Ressignificando a doença falciforme".

Editorial

Ressignificando

Por Cláudia do Couto, coordenadora da sensibilização do Saber para Cuidar.

Olhei o calendário hoje e levei um susto: Julho! Minha impressão é que ontem o ano começou e hoje já estamos na sua metade. E também já está na metade nossa atual oferta do curso "Ressignificando a doença falciforme: a diversidade no contexto escolar". Nessa oferta temos professores e trabalhadores da educação municipal de diversos estados. É o Saber ganhando o Brasil e ajudando a trazer conhecimento sobre a doença falciforme para todo o país!

O curso, em ambiente virtual (educação a distância), divide-se em quatro módulos:

1) Introdutório: aspectos históricos, étnicos raciais e sociais da doença falciforme, com um panorama desde a chegada ao Brasil até hoje;

2) Diversidade: aspectos da hereditariedade da doença falciforme e prevalência na população negra a partir de reflexões sobre miscigenação e nupcialidades (casamentos) no contexto brasileiro. Relações étnico-raciais no processo de ensino-aprendizagem e o papel da escola na superação das discriminações, no direito à diferença e na promoção da inclusão social;

3) Peculiaridades: aspectos clínicos e psicossociais da doença no contexto escolar;

4) Redes: conceito de rede, composição da rede de apoio, trabalho intersetorial e fortalecimento da rede.

Em cada módulo, além da exposição do conteúdo e exercícios de fixação, temos fóruns onde uma questão norteadora incita a reflexão e discussão saudável sobre os temas trabalhados. E como são edificantes esses fóruns! São tantas ideias interessantes, trocas ricas e experiências compartilhadas que desejamos que mais pessoas pudessem ler e participar.

Infelizmente não temos como publicar todos os comentários e posts dos fóruns, mas para "dar um gostinho" do privilégio que temos nessas atividades, separamos a seguir as postagens de uma de nossas cursistas. E a Iara é apenas um exemplo dos profissionais dedicados e disponíveis para essa ressignificação que propomos.

E você, qual sua experiência com o Saber para Cuidar? Escreva pra nós: saberparacuidar@nupad.medicina.ufmg.br. Quem sabe no próximo número será o seu texto a aparecer por aqui?

Além da Rede

A escola é a própria vida e não sua preparação*

*Textos originais usados pela cursista nos fóruns do curso "Ressignificando a doença falciforme: a diversidade no contexto escolar".

Por Iara Rosa, professora da Escola Municipal Doutor Sabino Barroso, Contagem/MG.

A escola não é só territorialidade, é também tempo e espaço de interlocução e convívio social. Portanto, a preocupação com a intencionalidade pedagógica deve estar circunscrita na dialética 'educação e relações étnico-raciais' e por uma práxis que traga a superação do racismo e das desigualdades raciais.

Precisamos estar cientes das relações e ações que se processam na escola: lócus privilegiado para a construção de práticas educativas de erradicação de preconceitos e estereótipos. Vislumbrá-las é fundamental para perceber avanços e delinear novas formas de abordagem que reduzam silêncios e invisibilidades.

Foto: Arquivo pessoal

É triste evidenciar que cenas de racismo são recorrentes nas escolas. Cientificam que a tão citada democracia racial brasileira não existe, pois a escola reflete o pensamento da sociedade em que se insere. Um provérbio africano diz: *"é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança"*. Em consonância, relembro Paulo Freire: a educação é um ato permanente. Nesse sentido, percebe-se que o ambiente escolar é um espaço fundamental no combate à discriminação racial.

Acredito que o trabalho pedagógico centrado em textos literários que relatam a história do povo africano, como ancestralidade, oralidade, circularidade, força vital (capacidade humana de preservação da vida), oferece inúmeras possibilidades. Ao apropriar-se delas, a escola torna-se lugar de criação e recriação; resgate e transformação humana, social, política; onde a educação libertadora e problematizadora percebe-se tangível, valorizando sujeitos que se constroem na ação de educar.

As histórias contadas pelo avô de Laila (personagem do curso) materializam essas possibilidades e encontram ressonância em Conceição Evaristo: *"A voz da minha avó ecoou criança nos porões do navio... Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade"*.

• • • • • •

A história de Graziele (módulo Diversidade) personifica o drama emocional e físico de crianças negras no Brasil, que se torna mais devastador quando associado a fatores como a doença falciforme. Atreladas ao preconceito, as crises álgicas transcendem os domínios do corpo, ferem a alma e comprometem a construção de uma identidade positiva, a autoestima e a esperança.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie afirma: *"histórias podem ser usadas para capacitar e humanizar... Podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida"*. Ela alerta-nos o quanto a literatura canônica falha em refletir identidades múltiplas que fogem do modelo eurocêntrico branco e reporta-nos a importância de sermos sensíveis à escuta e fala do outro. Ouvir o outro é dar-lhe visibilidade, é possibilitar a nós mesmos outras reflexões e caminhos possíveis. É descartar a possibilidade de, como já disse o poeta, *"ter aquela velha opinião formada sobre tudo"*.

Além da rede

A escola deve ser lugar de interlocução e exercício da escuta, o professor pode dispor de várias metodologias para que os estudantes vivenciem esta prática, exigindo uma linguagem inclusiva, tornando-se mediador de conflitos e não propulsor de invisibilidades caracterizada na abordagem da história de Graziele.

A roda de conversa é uma importante e rica proposta pedagógica centrada no diálogo, que implica na recusa do silenciamento do outro. Escutar é se deixar preencher com a palavra, com a ideia, com a perspectiva do outro.

"A escola é a própria vida e não sua preparação". Falar de cor de pele é ao mesmo tempo um relato de lindas histórias, mas também a constatação de que as histórias que nossas crianças, sobretudo as negras, ouvem e vivenciam são, muitas vezes, traumáticas e tristes. Há um provérbio africano que diz: "até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias dos caçadores continuarão glorificando o caçador". O privilégio cega cria invisibilizados e silenciados! Precisamos estar atentos às histórias que são contadas às nossas crianças e, principalmente, às histórias que elas contam; "os cientistas dizem que somos feitos de átomos... mas, um passarinho me contou que somos feitos de histórias..."

• • • • • •

Não tive oportunidade de trabalhar ou conviver com estudantes acometidos pela doença falciforme, mas, com episódios onde as pessoas de etnia negra são invisibilizadas ou silenciadas, sim.

A Lei 10639 foi outorgada, todavia, para efetivá-la, é necessária uma grande mobilização para criação de políticas afirmativas que contribuam para atenuar o quadro de inferioridade e submissão imposto aos escravizados de origem africana.

A escola tem papel fundamental, repensando seus murais e cartazes para valorizar todas as etnias, estudando, discutindo e valorizando a história e cultura africana. Cada um pode fazer sua parte, pequenas ações podem mudar o todo. Acreditar nisso é o primeiro passo para a mudança.

Banco de imagens Pixabay.

Debater, pesquisar, mobilizar e exigir a efetivação de políticas públicas para visibilizar e oferecer tratamento e profilaxia às doenças que acometem principalmente os negros é tarefa urgente e creio que este curso é um grande propulsor para potencializar mudanças, sobretudo ideológicas, calcadas na desinformação e na perpetuação de privilégios. Nas palavras de MUNANGA, (1999):

"As próximas gerações não podem abrir mão de viver, não podem abrir mão de sonhar. Um mundo melhor, não sei se existe, é nesse mundo concreto que estamos vivendo e que estamos lutando e cada um deixando para as gerações mais jovens a consciência de mudança. Transmitindo essa consciência para outras gerações, e assim continuar a vida".

Expediente

Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias (Cehmob-MG) – Coordenação Geral: José Nelio Januario e Mitiko Murao. Coordenação Técnica do Saber para Cuidar: doença falciforme na escola: Isabel Castro. Redação: Cláudia do Couto, Iara Rosa. Instituições realizadoras: Ministério da Saúde, Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Fundação Hemominas. Instituição parceira: Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia do Estado de Minas Gerais (Dreminas). Centro de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG: Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04961JP). Edição: Rafaella Arruda. Projeto Gráfico e Diagramação: Luiz Romaniello. Atendimento Publicitário: Ingred Souza. Boletim de circulação online: www.cehmob.org.br. Contato: jornalismo@medicina.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que citada a fonte.